

FAMÍLIA DE ALCOOLISTA: O RETRATO QUE EMERGE DA LITERATURA*
ALCOHOLIC FAMILY: THE PICTURE THAT EMERGES OF LITERATURE
LA FAMILIA DEL ALCOHÓLICO: EL RETRATO QUE SURGE DE LA LITERATURA

Mara Regina Santos da Silva**

RESUMO: Embora o alcoolismo seja uma doença que extrapola os limites individuais da pessoa que bebe e se repercute de forma negativa sobre a saúde das famílias, observa-se, freqüentemente, que os cuidados aos outros membros da família, são raros e quando acontecem, se fazem sem uma sustentação teórica maior. A partir deste pressuposto, foi desenvolvida esta pesquisa bibliográfica com o objetivo de buscar o conhecimento já construído sobre o tema "família e alcoolismo". A fonte de dados foi constituída pela produção científica veiculada em periódicos nacionais, latinos e norte-americanos, publicados no período de 1990 a 1994. A partir dos estudos examinados, emergiu material para construir um retrato da família que convive com o alcoolismo, o qual mostra seus problemas, suas necessidades e as estratégias que utilizam para enfrentar um cotidiano difícil. O conhecimento apreendido acerca do viver destas famílias pode, de alguma maneira, contribuir para respaldar as intervenções profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Alcoolismo; Conhecimento

INTRODUÇÃO

A relação do homem com o álcool é tão antiga quanto o mundo. Até certo ponto, poderia ser considerada normal ou funcional desde que a satisfação decorrente do uso desta substância superasse os prejuízos que ela pode provocar nos usuários e não lhes subtraísse a liberdade de decidir quando e como beber¹. Entretanto, quando o conjunto de danos provocados pela sua ingestão descontrolada começa a afetar, de forma negativa, as pessoas e a coletividade, esta relação passa a ser chamada de alcoolismo e, a partir daí, transforma-se num dos maiores flagelos do mundo moderno.

A dependência ao álcool é um fenômeno que pode ser compreendido de diversas maneiras. Para algumas pessoas é sinal de "fraqueza de personalidade", ou mesmo uma predestinação da qual é praticamente impossível fugir e, para outras, é uma doença considerada crônica e potencialmente fatal. Independente, porém, de qual seja a teoria particular para explicar o alcoolismo é inegável que seus efeitos atingem não apenas a pessoa que bebe mas também a família como um todo e, por essa razão, é coerente pensar que não existe apenas um ser que precisa ser cuidado, mas uma família que necessita de cuidados.

Particularmente, penso que o ser humano que perde a liberdade de decidir quando e como parar de beber não existe isoladamente, mas, como os demais, concretiza sua existência nas relações que estabelece com o mundo e com as pessoas em seu redor. Para ser compreendido sob este ponto de vista, este ser humano necessita ser visto na globalidade de seu existir no mundo e na perspectiva do movimento que o faz um novo ser a cada relação que experimenta. É nesta pessoa que o alcoolismo pode acontecer. E se não há possibilidade de ele existir isoladamente, então o alcoolismo que nele se instala também não pode ser visto contido apenas no

* Este artigo é baseado na dissertação de mestrado "Família e alcoolismo: em busca do conhecimento"², defendida em 1996, no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

** Dr.ª em Filosofia de Enfermagem; Prof.ª da Fundação Universitária Federal do Rio Grande.

espaço restrito de seus limites individuais, pois as manifestações desta doença extrapolam tais limites e expandem-se muito além da esfera individual. Cuidar, portanto, da pessoa alcoolista, tomando-a apenas na perspectiva restrita de seu espaço corporal e individual, representa, no mínimo, uma subutilização das ações empreendidas, uma vez que esta doença, quando acontece, atinge as outras pessoas que compartilham o mesmo contexto.

Embora na área da saúde o alcoolismo seja reconhecido como uma doença, a saúde da família que com ele convive é, em geral, ignorada na medida em que, geralmente, são tratadas apenas como coadjuvante para o tratamento da pessoa que bebe. Os filhos, por exemplo, têm sido freqüentemente esquecidos pelos profissionais da saúde, que só tomam consciência de sua existência através da anamnese dos pacientes, quando são registrados, laconicamente, seus nomes e suas idades³ ou quando começam a apresentar dificuldades na escola e, então, faz-se a associação com o ambiente familiar em que vivem. O(s) pai(s) são o foco da atenção e ocupam todo o interesse da equipe terapêutica, deixando, nos profissionais, apenas um vago sentimento de que algo deveria ser feito por estas crianças. Esta falta de cuidado acontece mesmo sendo estas crianças reconhecidas como uma população, especialmente vulnerável uma vez que estão se desenvolvendo e se construindo como adultos, com o risco de reproduzir as experiências que vivenciaram na infância.

Este descaso com a saúde da família deve-se, em parte, ao fato do alcoolismo ser tratado como um problema individualizado, mesmo na área da saúde. A tendência, porém, para reconhecê-lo como um problema de abrangência coletiva e não apenas de caráter exclusivo de quem consome a bebida é apontada na própria definição adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual considera como alcoolista aquela pessoa que bebe em excesso e cuja dependência tenha alcançado um grau tal que determine o aparecimento de perturbações visíveis, tanto interpessoais ou intrapessoais, como físicas, comprometendo seu adequado funcionamento social e econômico⁴. Sob esta concepção, a pessoa dependente do álcool passa a ser apenas parte de um problema cujas conseqüências atingem, diretamente, sua família, avançando, simultaneamente, nas dimensões social, econômica, cultural, intelectual, emocional e biológica, que constituem o seu contexto de vida.

As repercussões desta doença, no âmbito familiar, podem ser avaliadas através de dados apontando que os filhos de pais alcoolistas são muito mais passíveis de se tornarem também alcoolistas. Alguns autores chegam a estimar que para os filhos de alcoolistas o risco para desenvolver dependência ao álcool, na idade adulta, é três vezes maior do que para aqueles cujos pais não são alcoolistas⁵. Além disso, embora possa ser difícil determinar com precisão um número percentual específico, sabe-se que é alarmante a freqüência com que o alcoolismo tende a recorrer nas famílias e que as crianças que crescem nesses ambientes, têm maior probabilidade de desenvolver outros problemas de ordem emocional, legal, de conduta e de aprendizagem⁵. O impacto que esta doença pode provocar nos membros da família é, portanto, amplamente reconhecido na bibliografia e, genericamente, podemos afirmar que se manifesta principalmente através da ruptura e da desorganização das relações interpessoais com conseqüente prejuízo para o desenvolvimento das pessoas e para a qualidade de vida e saúde daqueles que convivem com o problema.

O potencial de risco atrelado a questão do alcoolismo envolvendo não apenas a pessoa que bebe mas, também, aqueles que com ele convive de forma cotidiana, reforça a convicção de que se trata de um problema, inevitavelmente imbricado na rede de interações familiares. Além disso, a assistência fundamentada num modelo que privilegia a pessoa alcoolista, esquecendo-se das outras que também sofrem ao seu redor, contribui, de forma decisiva, para o processo de construção dos sujeitos que no futuro poderão vir a ser os próprios pacientes deste modelo de assistência.

Embora o conceito de saúde mental contemple uma visão integral e contextualizada do ser humano, conforme está enfatizado no Relatório Final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental⁶, esta assistência ainda é, predominantemente, de caráter individual, fracionada, desumanizada e caracterizada pela usual e hegemônica concepção compartimentalizada do ser. Observa-se, freqüentemente, no âmbito da prática

profissional, um certo distanciamento entre os profissionais da área da saúde e as famílias de alcoolistas que, mesmo sendo reconhecidas como espaços onde o estresse e o sofrimento convivem, não têm reconhecida sua necessidade de ajuda.

Com base nessas constatações que mostram de um lado, o alcoolismo como uma doença que não se restringe à pessoa que bebe, mas que pode atingir toda a família e até mesmo a coletividade e, de outro, que na prática os cuidados aos outros membros da família, quando acontecem, se fazem sem uma sustentação teórica maior, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre o tema "família e alcoolismo" buscando, no acervo de conhecimentos já construído sobre esse tema, material para delinear um retrato da família que vivencia o alcoolismo.

O propósito desta busca é, fundamentalmente, acessar um corpo de conhecimentos considerado imprescindível para que os enfermeiros (e outros profissionais) possam compreender melhor a situação destas famílias e, conseqüentemente, respaldar as ações que implementam junto a essas pessoas. É importante destacar que embora o tema alcoolismo tenha sido ricamente explorado por diferentes autores,^(3,4,5,7,8,9,10) sob os mais variados aspectos, em sua grande maioria, os trabalhos que tratam do assunto não contemplam, com a merecida profundidade, estudos sobre a família como unidade a ser cuidada, gerando um vazio na literatura.

METODOLOGIA

Os critérios utilizados para selecionar a bibliografia consultada foram estabelecidos a partir de parâmetros temáticos, lingüísticos, geográficos, cronológicos e de formato bibliográfico. Assim, a fonte de dados nesta pesquisa, foi constituída basicamente pela produção científica sobre o tema "família e alcoolismo", veiculada em periódicos nacionais, latinos e norte-americanos, publicados no período de 1990 a 1994. A bibliografia nacional consultada foi definida após consulta a cinco peritos das áreas de psiquiatria, enfermagem psiquiátrica, psicologia clínica e biblioteconomia. Estas pessoas foram indagadas sobre quais periódicos poderiam estar publicando assuntos relativos a este tema. Foram indicados todos os periódicos nacionais de enfermagem em circulação neste período e outros de outras áreas que costumam publicar sobre alcoolismo. Para selecionar as publicações estrangeiras, foi realizado um rastreamento nas bases de dados disponíveis no circuito das bibliotecas universitárias brasileiras: o MEDLINE, o LILACS e o CINAHAL. Nesta busca, foram utilizados os descritores: alcoholism and family. Dentre os trabalhos acessados através destas bases, foram selecionados aqueles escritos em inglês, editados nos Estados Unidos e os em espanhol editados na América Latina, que poderiam ser acessados dentro do tempo previsto para a realização desta pesquisa. No total, trinta e oito artigos foram selecionados. Destes, dezesseis haviam sido publicados em periódicos nacionais; dois, escritos em espanhol, editados na Argentina; e vinte provenientes de periódicos editados nos Estados Unidos².

Para coletar os dados foi utilizado um instrumento construído com a finalidade de proceder um exame minucioso de cada uma das obras selecionadas. Este instrumento está constituído por seis campos distintos. O primeiro destinado a identificação do artigo em análise, incluindo a referência bibliográfica completa e sua localização (bases de dados, bibliotecas ou outra), de forma a auxiliar a pesquisadora em seu movimento de ir e vir aos dados toda a vez que se fizesse necessário. O segundo, reservado para a caracterização do estudo em análise, examinando especificamente os temas abordados, o referencial teórico e os temas correlatos, uma vez que, em sua maioria, a família é pouco referenciada nos estudos publicados. O terceiro é destinado ao resumo da obra. O quarto é destinado para a caracterização da família que convive com o alcoolismo. Os demais campos procuram contemplar a investigação de questões específicas estabelecidas como objetivos da pesquisa global da qual este artigo foi extraído. Além destes, o instrumento contempla, ainda, um espaço destinado a comentários suscitados pela leitura e as possíveis contribuições do estudo em análise para esta pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS

A FAMÍLIA QUE EMERGE DOS DADOS

Na bibliografia nacional a família não tem seu espaço próprio e, nas raras ocasiões em que aparece, é mencionada, ora como mantenedoras das condições que aumentam a vulnerabilidade ao alcoolismo, as quais são, freqüentemente, transmitidas através das gerações, ora como contexto para o desenvolvimento de pesquisas. Em grande parte dos estudos publicados, estas famílias não têm uma identidade própria, sendo consideradas como parte secundária do problema do alcoolismo. Via de regra, quando este é abordado, por exemplo, do ponto de vista econômico, a família fica excluída, como se não transitasse nesta dimensão. Quando, porém, esta abordagem contempla a dimensão social, considerando o alcoolismo como problema social, geralmente, há referência à uma família que sofre e adoce junto com a pessoa alcoolista.

Nestes estudos, a família é referenciada, mais freqüentemente, através do marido, da esposa e dos filhos, podendo ser caracterizada, portanto, como uma família nuclear. O homem, em geral, é apresentado como o ser que bebe, e o menor número de mulheres alcoolistas pode ser explicado se levarmos em consideração a questão cultural fortemente atrelada a esta condição, pois, sob esta dimensão, o alcoolismo feminino é menos aceitável e, portanto, menos referido. Este homem, que também é pai e marido, em geral, está na faixa etária dos anos mais produtivos para o trabalho, tendo seu desempenho profissional comprometido pelo alcoolismo e trazendo, conseqüentemente, repercussões negativas para sua família, no que tange à subsistência. Seu perfil psicológico, mostra-o como uma pessoa dependente, tímida, fugidia, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades. Mostram-se, também, impulsivos, suscetíveis a ofensas, resistentes à autoridade e, em muitos casos, com idéias de grandeza, perfeccionismo e exibicionismo que, habitualmente, servem para encobrir sentimentos de inadequação, insegurança, insatisfação e ansiedade¹¹.

Os filhos são referenciados na literatura de forma breve e lacônica: o filho homem, sendo visto como alguém que pode herdar do pai a predisposição para o alcoolismo; e a filha mulher, como uma pessoa que tende a reconstruir, na vida adulta, sua família da infância e da adolescência, muitas vezes buscando como companheiro um marido com as mesmas características do pai, apesar de todos os sentimentos de vergonha, raiva e frustração que já experimentou quando criança.

Nesta família, cada pessoa tem um papel a desempenhar, sendo que este é definido a partir de normas estabelecidas por seu próprio grupo familiar e social. O alcoolismo vivenciado por esta família, é visto como uma doença que interfere no desempenho destes papéis, provocando uma alteração na dinâmica familiar e, naturalmente, desencadeando a necessidade de um (re)ajustamento dentro de um modelo diferente daquele que, social e culturalmente, é esperado. O marido alcoolista deixa de ser o líder sendo que este papel e os demais são redistribuídos entre os outros membros da família. Toda a família é atingida por esses (re)arranjos, principalmente os filhos, que acabam desenvolvendo problemas de relacionamento interpessoal e dificuldades emocionais no âmbito familiar e social. A cisão familiar, seja por morte, seja pela separação dos pais, foi detectada com mais freqüência nas famílias de origem das pessoas alcoolistas; mas também foi significativa em suas famílias atuais, e serve como indicativo das dificuldades experimentadas por estas pessoas para preservarem seus vínculos familiares¹².

A intimidade destas famílias descritas na literatura nacional mostra um cotidiano difícil, com uma estrutura fragilizada pela convivência constante com o estresse, onde a inconsistência e a instabilidade das relações afetivas podem provocar distanciamento emocional entre seus membros. Em alguns destes estudos, a família está caracterizada como uma unidade comprometida, fragmentada, deteriorada, com conflitos e crises existenciais freqüentes, porém, na maioria das vezes, sem consciência da extensão de sua patologia. Alguns autores caracterizam o discurso destas famílias como falido e reveladores da impotência e do fracasso que elas experimentam diante das tentativas para minimizar os problemas que experienciam.

Por outro lado, esta família de alcoolista, referenciada na literatura geralmente como uma unidade desestruturada é reconhecida, ao mesmo tempo, como um recurso para o tratamento e a recuperação da pessoa alcoolista. Diante desta contradição, que abriga, de um lado, uma certa incapacidade e, de outro, a competência para ajudar, entendo que, permeando os textos dos autores brasileiros, que escrevem sobre alcoolismo, deve existir, de forma velada, o reconhecimento de algo (não expresso diretamente) que emerge deste meio e capacita estas pessoas para o cuidado de seu familiar alcoolista. Este fato revela que, de certa forma, o cotidiano familiar contém potencialidades capazes de modificar a problemática individual e coletiva do alcoolismo.

Por sua vez, a presença do álcool em seu cotidiano é percebida de forma diferente pelas diferentes pessoas que compõe tais famílias. Os resultados de algumas pesquisas que apontaram o início do uso de álcool por crianças de até quatro anos de idade, mostram que, em algumas famílias, esta substância deve ser parte integrante do seu viver cotidiano tendo, muitas vezes, presença garantida através das gerações. Isto explica, pelo menos em parte, porque o álcool nem sempre é percebido como elemento estranho ou desencadeador de mal-estar e desequilíbrio; com muita frequência, é visto como estabilizador ou promotor de um equilíbrio que bem poderia ser chamado de "equilíbrio flutuante".

Ao admitirem a possibilidade de que a pessoa, dependente de álcool, alcooliza o meio social em que vive, alguns autores deixam perceber que, mesmo não sendo diretamente referenciada em seus trabalhos, a família está presente, sentindo e sofrendo com os efeitos de conviver diariamente com o alcoolismo. Sob uma concepção teórica que admite esta alcoolização do meio, a família interage com o contexto, nele fazendo suas trocas, crescendo, diminuindo-se e, muitas vezes, envergonhando-se de sua condição. Nesta abordagem, a família é concebida como um sistema em equilíbrio (mesmo que este possa ser percebido como patológico), que consegue preservar suas normas, suas crenças, suas relações e, em cuja intimidade, se constroem os seres que constituem este espaço familiar.

Esta foi a família identificada nos estudos publicados nos periódicos nacionais, consultados nesta pesquisa. Dentre estes, apenas um pequeno número a mencionavam diretamente e, mesmo nestes, não se constituía no foco central do trabalho. Os demais estudos focalizavam, prioritariamente, a pessoa alcoolista individualmente, ou apenas a sua doença considerada de forma isolada.

A família que emerge dos dados coletados na bibliografia estrangeira pode ser igualmente caracterizada como uma família nuclear, constituída, em geral, pelo pai, a mãe e os filhos, mas que reconhece também, como seus membros, todas aquelas pessoas com quem o alcoolista tem uma relação significativa e que são capazes de exercer influência em sua vida. Ligados por vínculos de parentesco, estas pessoas residem no mesmo espaço físico, interagem continuamente e desenvolvem atividades relacionadas com a manutenção de seu cotidiano, somando suas capacidades individuais e seus recursos para a realização das tarefas econômicas, sociais, biológicas e de reprodução que, social e culturalmente, lhes cabem.

Embora compartilhando o mesmo cotidiano, estas pessoas possuem concepções próprias e, por vezes, diferentes a cerca de questões essenciais que protagonizam, tais como suas funções, suas relações familiares, sua forma de adaptação e seus ajustamentos, entre outras. O alcoolismo é geralmente percebido de forma consensual, como um problema que extrapola a esfera individual, atingindo a família como um todo, e constituindo-se numa fonte de estresse, desencadeadora de problemas físicos e emocionais para todos os seus membros. Seu início insidioso, gradual e progressivo, é uma característica confusa e assustadora para os familiares que percebem o comportamento, antes considerado normal, transformar-se em disfuncional. Os filhos o reconhecem como devastador para o ambiente familiar, na medida em que é desencadeador de discórdia conjugal e responsável pelas situações que resultam na quebra dos sonhos infantis e no abandono das crianças. De acordo com o relato de um participante do grupo "AL-Anon", encontrado em um dos

trabalhos consultados, a vivência cotidiana nestas famílias pode ser expressa pelo sentimento de “estar vivendo com uma bomba relógio”, enquanto que a expectativa ambígua com relação ao comportamento da pessoa dependente é retratada como “caminhar sobre ovos”.

Os papéis desempenhados pelos membros destas famílias são múltiplos e variados, porém, com relação a suas finalidades, existe um certo consenso entre os autores. Além do papel de delinqüente ou acting out, são referenciados, também, o de responsável, típico para filho mais velho ou filho único. Essa criança ajuda a manter a estabilidade, a estrutura e a consistência nas relações familiares. O ajustador, ou adaptador, cabe àquela criança que segue ordens facilmente, é flexível, estando apto a aceitar qualquer situação. Outro papel é o do conciliador que, caracteristicamente, é mais passível de ser sociável e útil, ainda que seu objetivo primeiro seja encobrir conflitos. O conciliador é dado a desviar a atenção de si mesmo freqüentemente, sentindo-se solitário, deprimido e isolado dos outros. Essa criança sente responsabilidade pela dor emocional na família¹³.

Por outro lado, são referidos, também, os papéis de herói da família, bode expiatório, criança perdida e mascote. A filha ou filho mais velho, geralmente assumindo o papel de herói da família, sente-se responsável pela família inteira. Essa criança tenta recompor as fraquezas da família, tomando para si encargos abandonados pelo pai ou pela mãe. O objetivo desse papel é impossível de ser atingido, uma vez que, sozinha, uma criança não consegue desempenhá-lo com sucesso. O bode expiatório da família é um papel freqüentemente assumido pelo segundo filho o qual aprende desde cedo que, por mais que tente, não consegue competir com o herói da família. O papel de criança perdida, geralmente assumido pelo terceiro filho, é descrito, em geral, como a criança esquecida, porque não reclama, tem poucas expectativas e, freqüentemente, sente-se ou está só, por bastante tempo. O mascote da família, em geral assumido pelo filho mais jovem, freqüentemente alivia a tensão, atuando de modo divertido, em vez de expressar seus sentimentos. Alguns dos efeitos desse comportamento e a reação da família a ele incluem imaturidade, hiperatividade, fragilidade e esgotamento emocional. Esses papéis são elementos vitais na manutenção do equilíbrio que as pessoas conseguem estabelecer no grupo familiar.

Com finalidades semelhantes, estas famílias também adotam regras peculiares que lhes permitem suportar um cotidiano disfuncional, habitualmente permeado de promessas não cumpridas. Essas regras, que garantem o caráter sigiloso de seu cotidiano, podem ser passadas de geração para geração e incluem comportamentos tais como não falar, não sentir e não confiar. O isolamento social, normalmente regido por estas regras, é uma estratégia usada por estas famílias para proteger a pessoa dependente e seus demais membros da vergonha e da dor emocional que experimentam. Ao mesmo tempo serve para sustentar a visão distorcida da realidade e a aceitação de um padrão familiar disfuncional.

É importante destacar que apesar da ênfase na dimensão de negatividade, retratada na literatura acerca dessas famílias, é possível perceber nelas a existência de um potencial para se renovar e resolver seus problemas, a partir da experiência que vivenciam. Possivelmente, é por essa razão que essas famílias são capazes de ajudar e dar o suporte que a pessoa alcoolista necessita para enfrentar sua condição, apesar de todas as dificuldades que enfrentam.

Na diversidade de sentimentos experimentados pelas pessoas destas famílias, são referidas diferentes formas de amor, de medo, de confusão, de culpa, de incerteza, de incompetência, decorrentes, muitas vezes, da imprevisibilidade própria do comportamento da pessoa alcoolista. O sentimento de culpa constitui-se em duro fardo que os filhos de alcoolistas podem levar para a idade adulta. Esta culpa, que ajuda a manter um cotidiano disfuncional, manifesta-se mais freqüentemente na forma de medo e ansiedade e pode ser percebida na própria linguagem que os filhos de pais alcoolistas utilizam, a qual é freqüentemente permeada de “eu deveria ter...” ou “se eu tivesse feito de modo diferente...” Esse sentimento de culpa faz com que, muitas vezes, os filhos sintam-se responsáveis por não terem conseguido mudar a situação familiar.

O pesar é outro sentimento que os filhos de alcoolistas enfrentam. As perdas e o abandono sofrido na infância formam o âmago do pesar e determinam um estado crônico de depressão. Essas perdas são provocadas,

muitas vezes, pela morte prematura do(s) pai(s) alcoolista(s), pelo abandono emocional, ou pela perda da infância que, de alguma maneira, pode ter sido arruinada quer pelo comportamento da pessoa alcoolista quer pelo prolongamento do estado de doença durante muitos anos. Por outro lado, mesmo que os pais sejam vistos como ausentes, provocando sentimentos de desamparo, os filhos, geralmente, sentem-se responsáveis pelo cuidado dos mesmos.

Caracteristicamente, essas famílias de alcoolistas, retratadas na literatura estrangeira, experimentam prejuízo em várias áreas do seu funcionamento. Seus membros têm dificuldade em estabelecer padrões apropriados de comportamento. As relações familiares tornam-se disfuncionais. Aparecem dificuldades em conseguir soluções efetivas para seus problemas. São altos os níveis de conflito e tensão. A comunicação está prejudicada, uma vez que as mensagens são hostis ou negativas e não são diretamente dirigidas à pessoa a quem dizem respeito. A coesão entre seus membros é baixa. O isolamento interpessoal está presente. O controle passa a ser restritivo. Há falta de clareza na organização familiar e falta de confiança e de segurança. Tudo isso leva as pessoas a conviverem com uma legião de problemas que incluem desde dificuldades financeiras e discórdia matrimonial, até abuso físico com o cônjuge e os filhos.

Os maus tratos ocorrem em quase todos os lares de alcoolistas, variando apenas no grau, de acordo com o nível de disfunção familiar. Suas modalidades mais freqüentes são a negligência na forma de privações precoces, a agressão física e verbal. Blackouts sofridos pelas pessoas alcoolistas, que não permitem lembrar o que disseram ou o que fizeram, podem provocar estas privações de caráter involuntário e acompanhadas de sentimentos de confusão nas crianças. Por seu turno, a negligência emocional, vivenciada por esses filhos, faz com que eles aprendam, precocemente, não só a atender suas necessidades físicas, mas também desempenhar tarefas de adultos, por exemplo, cozinhar, para garantir a própria sobrevivência. Isto, na vida adulta, pode ter um impacto duradouro e manifestar-se, inclusive, na forma de dificuldade para pedir ajuda.

As esposas de alcoolistas consideram como fonte de estresse, entre outros, o relacionamento com os filhos, por manifestar-se, freqüentemente, na forma de preocupação, de sentimentos de culpa e de raiva, relacionados ao efeito das bebedeiras dos maridos sobre eles; o relacionamento social porque, em geral, está associado às limitações impostas pelo alcoolismo do companheiro, pela perda dos amigos, pela necessidade constante de omitir as bebedeiras; o próprio relacionamento com o marido, por ser marcado pelos sentimentos de rancor, pela dificuldade de convivência, pela incerteza com relação ao futuro e por preocupação constante¹⁴. Neste estudo, os autores referem que nem sempre a sobriedade do cônjuge é percebida como algo positivo. Embora algumas esposas referissem alívio e felicidade, outras manifestavam ansiedade, incerteza e dificuldade para ajustar-se a um comportamento até então desconhecido e imprevisível de seus maridos na abstinência. O ajustamento nesta convivência é, portanto, recíproco pois inclui a pessoa em abstinência e a própria família que vivencia essa abstinência num processo complexo que se desenrola no âmbito individual e coletivo.

Para quem convive com o estresse constante e reprime o sofrimento que o alcoolismo provoca, a canalização destes males para alterações do funcionamento orgânico é uma solução nem sempre satisfatória, mas que muitas vezes pode representar a única saída existente. A saúde física e mental das pessoas destas famílias está, por conseguinte, prejudicada, sendo a depressão, os distúrbios de ansiedade, as desordens afetivas bipolares e os distúrbios neuróticos diagnósticos freqüentes. Dentre estes, a depressão e os conflitos conjugais foram, comprovadamente, maiores e mais intensos entre as pessoas que convivem com o alcoolismo do que na população em geral.

Embora existam pontos de vista diferentes com relação ao conhecimento específico sobre família e alcoolismo, há consenso, em um número considerável de estudos examinados nesta pesquisa, quanto aos problemas que os filhos e as famílias de um modo geral podem apresentar. Entre estes, os mais referenciados foram, na infância, os problemas comportamentais, incluindo conduta agressiva, delinqüência, insociabilidade, hiperatividade, ansiedade, comportamentos obsessivos e dificuldades escolares. Na idade adulta, a probabilidade

de desenvolver dependência ao álcool foi o mais referido na maioria dos trabalhos. Embora os filhos de alcoolistas possam ser descritos como pessoas que externamente demonstram ser competentes e ajustados, na verdade, são detentores de uma auto-percepção negativa e, em nível inconsciente, revelaram baixa auto-estima¹⁵. A falta de confiança, a dificuldade nos relacionamentos interpessoais, o padrão de enfrentamento abalado e o desenvolvimento da auto-imagem prejudicado decorrem, provavelmente, da falta de consistência nas relações entre pais e filhos. Isto, com certeza, contribui para um ajustamento adulto, no mínimo, dificultoso. Um estudo examinando a auto-estima em filhos de alcoolistas,¹⁵ apontou que o sentimento básico que permeou as histórias pessoais destes filhos foi o de negligência ou esquecimento por parte dos pais. Ao mesmo tempo, estas crianças sentem-se desamparadas, assustadas e confusas no ambiente familiar onde vivem, tendo demonstrado em nível consciente, excesso de auto-confiança.

Em alguns estudos consultados foi possível identificar os filhos de alcoolistas como um grupo de risco que conseguem viver bem, apesar de demonstrarem "aparência de sobreviventes". No cotidiano familiar, retratado muitas vezes como um ambiente desestruturado e assustador, algumas crianças desenvolvem uma auto percepção positiva, sugerindo que, deve existir algum mecanismo capaz de reduzir a dor emocional de crescer em um lar de alcoólicos e amenizar os efeitos mais danosos da convivência com o alcoolismo. Essas crianças conseguem desenvolver um jeito de viver que os ajuda a enfrentar uma infância permeada pelos problemas decorrentes do alcoolismo dos pais.

É importante referir que mesmo sendo provenientes de famílias caracterizadas por instabilidade, negligência e desamparo emocional, estas crianças podem desenvolver um auto-conceito positivo, desde que um dos pais esteja apto a prover uma relação estável e enriquecedora com elas, a despeito da ocorrência de alcoolismo no cônjuge¹⁶. Esses sentimentos positivos sobre o self estão significativamente relacionados com as habilidades da pessoa para desenvolver uma rede social constituída, entre outros, pelos amigos, pelos vizinhos, ou outros familiares, da qual possam receber o suporte que as ajudem no enfrentamento do estresse de conviver com o alcoolismo¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro dos limites desta investigação, este foi o retrato de família de alcoolista, extraído do material consultado. Evidentemente, o conhecimento encontrado nesta busca é ainda incompleto, fragmentado e até mesmo questionável se considerarmos o número de estudos analisados e, também, o curto período de tempo coberto por esta pesquisa bibliográfica. Entretanto, pode ser, também, de grande valor na medida em que considerarmos que este retrato pode ser o ponto de partida para aproximar os profissionais da saúde das necessidades destas famílias e conscientizá-los de seus direitos de também serem cuidadas.

Da mesma forma que o alcoolismo pode ser compreendido de diferentes maneiras, também a família que com ele convive pode ser vista sob muitos ângulos. Nesse sentido, é importante destacar que, apesar de ter sua unicidade, as famílias de alcoolistas que encontramos tanto na literatura quanto no cotidiano da prática profissional, não são apenas espaços de desagregação, discórdia, infelicidade. Se fossem apenas isso, restaria pouco a ser feito em termos de promoção e prevenção da saúde de seus membros. Como tantas outras, essas famílias criam seu jeito próprio de viver e de enfrentar seus problemas e ao longo de sua trajetória vital, muitas são capazes de propiciar o suporte necessário para que seus membros se construam como sujeitos capazes de responder de forma positivas as demandas da vida adulta apesar de todas as experiências que enfrentaram na infância e na adolescência.

Por essa razão, é importante estar atento para uma dimensão de positividade que também existe no interior destas famílias e a qual lhes possibilita estabelecer as interações positivas que alimentam o processo de desenvolvimento de seus membros. Não se trata de negar os problemas e as dificuldades que certamente

vivenciam, apenas não pensar que essas famílias sejam apenas um ambiente caótico, como muitas vezes é referido na literatura.

De qualquer forma, mesmo que o alcoolismo admita várias interpretações, convém não esquecer que isoladamente, nenhuma delas pode contemplar a compreensão de sua totalidade. Por essa razão, qualquer visão tem sempre um caráter de inacabada, uma vez que não apreende o fenômeno em sua plenitude e revela a necessidade de complementar-se através de um refazer-se contínuo. A (re)construção de uma concepção mais ampla sobre o alcoolismo é, com certeza, uma necessidade imperiosa para que se possa desenvolver uma maior aproximação com a magnitude deste problema. Uma concepção que possa ser mais social e menos biologicista sem, contudo, desprezar o valor dos recursos clínicos, mas que possibilite o entendimento do alcoolismo como algo constituído a partir das próprias dimensões onde ele transita, isto é, a dimensão social, cultural, biológica, econômica, emocional e intelectual nas quais família é parte constituinte.

A assistência de saúde, fundamentada na hipótese de que abordar o alcoolismo a partir do alcoolista é um bom caminho, resulta de uma visão dicotomizada e até mesmo irresponsável sobre o problema. É somente dentro de uma concepção menos fragmentada e menos parcial da que predomina nos tempos de hoje que os profissionais da saúde poderão reconhecer a família como uma dimensão do alcoolismo, onde o adoecer acontece de forma indiscriminada, atingindo a todos os seus membros. Da mesma forma, a opção de manter a investigação científica restrita à doença em si ou na pessoa alcoolista contribui para a persistência de um modelo assistencial reconhecidamente ineficaz. Por esta razão, investir no estudo das questões que envolvem a família e mesmo a comunidade é condição fundamental para que ocorra qualquer tipo de transformação em termos de assistência de saúde a estas pessoas.

ABSTRACT: Although alcoholism is an illness that surpasses the individual limits of the person who drinks and it re-echoes negatively on the health of the families, is observed frequently that the cares to the other members of the family are rare and when they happen, they are making without a bigger theoretical sustentation. From this estimated, this bibliographical research with the objective was developed to search the knowledge already constructed on the subject "family and alcoholism". The source of data was constituted by the propagated scientific production in national, Latin American and North American periodicals published in the period of 1990-1994. From the examined studies, emerged material to construct a picture of the family who coexists with alcoholism, which shows it problems, it necessities and the strategies that the members use to face quotidian difficulties. The knowledge apprehended concerning the life of these families can, in some way, to contribute to endorse the professional interventions.

KEY WORDS: Family; Alcoholism; Knowledge

RESUMEN: Aunque el alcoholismo sea una enfermedad que pasa de los límites personales del que bebe y repercute de manera negativa en la salud de las familias, a menudo se puede observar que, los cuidados dirigidos a las otras personas de esta familia son escasos y cuando suceden son hechos sin una teoría de base significativa. Partiendo de esta suposición es que fue desenvuelta esta pesquisa de bibliografía, con el objetivo de buscar el conocimiento ya formado sobre el tema " familia y alcoholismo ". La fuente de los datos fue formada por la producción científica circulante en diarios nacionales, latinos y norte-americanos, publicados entre las fechas de 1990-1994. Después de examinados los estudios, surgió el material para la construcción de un retrato de la familia que convive con el alcoholismo, que muestra su problemática, sus necesidades y las estrategias que usan para enfrentar un cotidiano difícil. El conocimiento adquirido sobre la vida que estas familias llevan, de alguna manera puede, venir a contribuir para dar un respaldo a las intervenciones profesionales.

PALABRAS-CLAVE: Familia; Alcoholismo; Conocimiento

REFERÊNCIAS

- 1 Masur, J. A questão do alcoolismo. São Paulo: Brasiliense; 1984.
- 2 Silva, M.R.S. Família e alcoolismo: em busca do conhecimento [dissertação]. Florianópolis [SC]: Programa de Pós Graduação em Enfermagem/UFSC; 1996.
- 3 Edwards, G. O tratamento do alcoolismo. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
- 4 Cormillot, A. Beber o no beber: esa es la cuestion? Buenos Aires: Paidós; 1992.
- 5 Glitow, S.; Peyser, H. Alcoolismo. Porto Alegre: Artes Médicas; 1991.
- 6 Conferência Nacional de Saúde Mental (BR). Relatório final. Brasília: Ministério da Saúde; 1994.
- 7 Rix, E.L.; Rix, K.J.B. Alcohol problems: a guide for nurses and other health professionals. Boston: John Wright; 1983.
- 8 Ramos, S.P.; Bertolote, J.M. Alcoolismo hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
- 9 Domingo, J.S. No te rindas ante... El alcohol. Madrid: Rialp; 1990.
- 10 Schuckit, M. Abuso de álcool e drogas. Porto Alegre: Artes Médicas; 1991.
- 11 Vankolck, O.L.; Tosi, S.M.V.D.; Pellegrini, T. Auto-imagem em alcoólicos crônicos. Temas 1991, 42:374-82.
- 12 Cardim, M.S.; Azevedo, B.A. Repercussões psicossociais do alcoolismo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria 1991; 40(7):365-70.
- 13 Scavnicky-Mylant, M.L. The process of coping among young adult children of alcoholics. Issues in Mental Health Nursing 1990; 11(2):125-39.
- 14 Montgomery, P.; Johnson, B. The stress of marriage to an alcoholic. Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Service 1992 Oct., 30(10):12-6.
- 15 Markowitz, P.; Craig, R.J. Conscious and unconscious perceptions of self in children of alcoholics. The International Journal of the Addictions 1992 Oct., 27(10):1187-96.
- 16 Lathan, P.K.; Napier, T.L. Psychosocial consequences of alcohol misuse in the family of origin. The International Journal of the Addictions 1992 Oct.; 27(10):1137-8.

Recebido em 15/12/03 aceito em 18/03/03

Endereço do autor:
Mara R. S. da Silva
R. Marechal Floriano, 279 – ap. 809
Papalao – Rio Grande – RS